

Judite Vital da Silva: a Dona Judite de todas as horas

Um dia ela ameaçou contar a sua história de menina da zona rural. De outra feita, apresentou de longe um caderno, que guardava zelosamente e, no qual, dizia registrar para que eu lesse, o que sabe sobre os *Tembé Tenetehara*. Foi assim, que ela e eu sonhávamos com as histórias dos tempos que não voltam mais e deixam qualquer pessoa com saudade do que se foi.

Muitas foram as conversas que mantive com a amiga Judite, desde 2009, e ela sempre me surpreendia com a agudeza de suas observações e a tranquilidade como enfrentava a vida, a política indígena e até o futuro, em função da sua sensibilidade premonitória (ver um horizonte que outros não vislumbram).

Ao chegar no Jeju, lugar da aldeia de Judite — hoje, imprensada pelos esbulhos feitos ao território e pelo corte empreendido pela malha viária que subtraiu faixa substancial da aldeia — me surpreendia com seu sorriso largo e sua calorosa acolhida. Jamais fui a algum lugar da aldeia sem primeiro conversar com a amiga. Na chegada, ela alertava sobre os acontecimentos que estavam por vir, às vezes eu ficava desconsertada, sem jeito, pois dependendo do dia as previsões eram graves e feitas como um alerta geral.

As muitas conversas, segredos e histórias selaram uma aliança entre nós. Com o passar dos anos Judite pareceu ter mais confiança em mim. Afinal, eles tinham me escolhido para contar a história dos *Tembé Tenetehara*, mas eu e Judite demos muitas voltas, *de lá* (de Santa Maria) *prá cá* (em Belém) e *daquí* (de Belém) *prá lá* (em Santa Maria). Muitas conversas, assembleias e visitas, entre tantos outros contatos, inclusive aqueles que demandavam apoio aos estudantes indígenas *Tembé* que se faziam presentes na Universidade Federal do Pará (UFPA), entre eles filhos e sobrinhos de Judite.





A cautela fez com que a reciprocidade trançasse os laços de confiança e, aos poucos, o precioso caderno de Judite ficou recheado de histórias. Um dia ela me entregou o caderno, cheia de preocupação, porque, segundo diz, sabe mais contar que escrever e, também, porque tinham muitos pedaços de histórias melindrosas que talvez não merecessem vir a público.

A amiga Judite sempre cautelosa, viu suas meninas esconderem algumas histórias, mas Judite num lindo gesto de confiança disse: — a senhora que é professora sabe o que vai e o que não vai no livro. Fiquei emocionada! E, me perguntei: como ela, a minha querida amiga, podia confiar em uma pessoa não indígena? Guardei o material, fui lendo com vagar e transcrevendo com mais vagar ainda as memórias de Judite.

A leitura me fez selecionar as memórias do cotidiano do coletivo *Tembé Tenetehara*, contado vivamente por Judite, afinal muitas mulheres possuem histórias como a que ela narra. Deixei os pedaços mais difíceis da vida de indígenas mulheres, em separado, para refletir a partir de outros espaços, pois esse era o desejo da amiga e a confiança em mim depositada. Ela desejava um livro de memórias que pudesse oferecer ao coletivo, aos filhos e aos netos contribuição ao registro das histórias do tempo que se foi, mas que muitos precisam conhecer, afinal essa é uma luta de guerreiras e os *Tembé Tenetehara* estão, muitíssimo bem representados, nas história da corajosa e louvada Judite.

Sem mais demora, vamos as histórias que devem ser lidas, contadas e recontadas a muitos para que todos saibam como era a vida na aldeia quando os protagonistas se deslocaram do Maranhão ao Pará e o quanto é difícil enfrentar a vida, sendo *Tembé Tenetehara*, que luta em meio aos não índios que, muitas vezes, só respondem aos protagonistas das histórias ignorando as dificuldades e repetindo a discriminação sentida há mais de 500 anos.

Os méritos do livro são de Judite, os possíveis erros podem deixar na minha conta, talvez mesmo empenhada em atender a amiga, eu não tenha conseguido organizar as memórias de forma adequada, como ela gostaria, desde já, peço desculpas!

Jane Felipe Beltrão, ORGANIZADORA